

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

O CORPO EM AÇÃO: PERFORMANCE E MICROPOLÍTICAS

Cecília Magalhães Clemente

Cecília Magalhães Clemente | Mestrado

Linha de Pesquisa | PCI

Orientador | Prof Dr Charles Feitosa

Performer e mestranda em Artes Cênicas pela UNIRIO. Pós-graduada em Terapia Através do Movimento: Corpo e Subjetivação pela Faculdade Angel Vianna (2014). Pós-graduada em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade Federal Fluminense (2005). Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília (2002). Sua pesquisa de mestrado investiga as relações entre corpo, espaço e política em intervenções performativas urbanas.



XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

O CORPO EM AÇÃO: PERFORMANCE E MICROPOLÍTICAS

Cecília Magalhães Clemente

Prof Dr Charles Feitosa | Orientador

O presente trabalho dedica-se à investigação de ações performativas desenvolvidas nas ruas do Rio de Janeiro no contexto do atual e conturbado cenário político brasileiro (2016/2017). Trata-se de uma *pesquisa-intervenção* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012) cujo objetivo maior é cartografar processos criativos, compreendendo-os como ações de resistência aos microfascismos nestes tempos sombrios. São ações que questionam, em ato, um modo de operar quase automático e as relações de poder que estão em sua base. Assim, lançamos um olhar para a relação indissociável entre arte e política com o propósito de discutir uma micropolítica das intervenções artísticas na cidade – especialmente no espaço público. Para tanto, valemo-nos da vibratibilidade e da potência dos corpos inquietos.

Entendemos, com Hannah Arendt, que a política deve ser compreendida como *relação*, ou seja, algo que se surge no “entre-os-homens”, que se dá no “intra-espaço”, sendo o homem, portanto, a-político (ARENDR, 1998). A autora propõe uma ligação da noção de política às “artes efêmeras” – dança e teatro – ressaltando o caráter efêmero e a performatividade em jogo nessa aproximação. Ao estabelecer relações entre política e pólis, política e espaço urbano, Arendt faz uma diferenciação fundamental entre *fazer* (“to make”) e *agir* (“to act”). Assim, *fazer* estaria próximo da atividade legislativa (e arquitetônica), enquanto *agir* seria a verdadeira ação política (e artística).

A performer cubana Tânia Bruguera, cujas intervenções desafiam as fronteiras entre arte e política, defende que governos totalitários se combatem com formas artísticas difíceis de serem reconhecidas. Tomamos o pensamento dessa artista como uma provocação para refletirmos acerca das práticas performativas realizadas em uma sociedade cada vez mais vigilante e punitiva, caracterizada por governos autoritários com roupagem democrática.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

A partir da ideia de *cena expandida* ou de *campo ampliado*, algumas questões referentes às intervenções performativas se colocam: em que medida, tais intervenções poderiam ser compreendidas como atos de resistência ou como formas de fazer política no presente? De que maneiras elas atingem e produzem efeitos sobre os microfascismos cotidianos? Qual potencial de contágio elas apresentam? Quais são as operações políticas e poéticas por elas realizadas? De que ordem são as transformações por elas produzidas? O que elas criam no mundo? Quais mundos elas criam? Como poderíamos, por fim, avaliá-las enquanto operadores micropolíticos?

Diante destas questões, partimos da concepção de que a performance (ou ações performativas) tem a capacidade de desestabilizar, enquanto dispositivo artístico-político, formas hegemônicas de ver e de sentir. Tais intervenções podem atuar, portanto, aumentando nossa potência de agir no mundo, criar mundos e realidades pela via da experimentação. Ao produzir certos tensionamentos político-afetivos – tais como a suspensão temporária de regras e do *modus operandi*, a desestabilização do dito “natural”, a subversão das relações de poder – tais ações endereçam questionamentos e sensibilidades, atuando na emergência de corpos vibráteis e potentes.

Acredito que, ao ativar as *pequenas percepções* (GIL, 1996), o *corpo vibrátil* (ROLNIK, 2003; 2016) e o *saber-do-corpo* (ROLNIK, 2016a) – expandindo, assim, a *potência de vida* – as performances possam ser compreendidas como atos de resistência micropolítica.

Partimos também da provocação de André Lepecki (2011/2012) de que o delírio é uma tática anti-policial, para apresentar e analisar, neste trabalho, algumas ações performativas por mim concebidas e/ou realizadas, individual e coletivamente, na cidade do Rio de Janeiro. São elas: *Cuidado! Frágil*; *Respiradores de Ar*; e *Viva o Cu*.

Cuidado! Frágil coloca em evidência o corpo na relação entre mobilidade/imobilidade, liberdade/condicionamento, violência/proteção, fragilidade/potência. Trata-se de dar visibilidade ao corpo tratado como gado, coisa, ou carga no trânsito cotidiano das grandes cidades.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

Em *Respiradores de Ar* realiza-se uma composição com a cidade em uma ocupação-resistência. Há, nesta ação, uma operação de ativação e corporificação dos afetos que me atravessam. Ocupar um determinado local e ali permanecer – mesmo que de forma provisória – remete-nos às potências do corpo; à afirmação e à resignificação do corpo e do espaço público.

Viva o Cu!, por fim, é um grito visceral. Afirmar o cu já é, em si, um desvio, um devir minoritário, já que o cu não é padrão, não é um modelo hegemônico; não se vende como imagem ideal, seja no exercício do prazer sexual, seja na linguagem – em que sua utilização é, invariavelmente, vinculada a xingamentos. “Viva o cu!” produz uma torção nessa significação corrente sem ser uma bandeira de algum movimento de minoria (gay, LGBT etc). Apresenta, ao contrário, uma potência de deslocamento e desterritorialização, em vez de reiterar modelos identitários. Não se trata de um elogio do cu apenas como reação ao lugar abjeto ao qual é relegado, mas de um convite – feito junto a Paul B. Preciado (2009; 2014) – a pensarmos com a parte inferior do corpo, ou “da cintura para baixo” (PELBART, 2015). Ao nos aproximar da ideia de devir-revolucionário em Deleuze (1990), podemos compreender, por fim, o *Viva o Cu!* como um grito revolucionário.

Tais ações-grito têm sido criadas como uma resposta a um estado de esgotamento, como tentativa de fazer explodir um certo estado de coisas. São, portanto, ações de “terrorismo poético” (BEY, 2003) contra o terrorismo de Estado. Proponho que, para além do binômio *arte-vida*, possamos compreendê-las a partir do binômio *delito-delírio*, já que em cada uma delas há um germen de desobediência delirante.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. O que é política. In: **O que é política?** – Fragmentos de obras póstumas. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

BEY, Hakim. **Caos:** Terrorismo poético e outros crimes exemplares. São Paulo: Conrad, 2003. Versão digital disponível em: <http://www.imagomundi.com.br/cultura/caos.pdf>.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

DELEUZE, Gilles. O Devir revolucionário e as criações políticas: entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri. In: **Novos Estudos**, n. 28, 1990, p.67-73. Disponível em http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/62/20080624_o_devir_revolucionario.pdf.

GIL, José. **A imagem nua e as pequenas percepções**. Lisboa: Relógio d'água, 1996.

LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopolícia. In: **Ilha Revista de Antropologia**. v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41>.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PALBERT, Peter Pál. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... In: **Saúde Soc.**, vol 24, supl, I. São Paulo, 2015, p.19-26.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Terror Anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Espanha: Melusina, 2009.

ROLNIK, Suely. **"Fale com ele", ou como tratar o corpo vibrátil em coma**. 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; UFRGS Editora, 2016.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016a.